

Qual foi a transformação?



«Deixai-vos transformar...»
Rm 12, 2

Equipa do Caderno de Oração
da Família Missionária Verbum Dei de Lisboa:

Andreia Alexandre
António Azevedo
Cristina Mesquita
Filipa Ramalhete
Francisco Valles
Joana Galvão Teles
João Ricardo Moreira
Manuela Cerejeira
Marta Valles
Pilar Bazo (Missionária VDei)
Paula Mourão
Paulo Vieira
Sofia Palminha
Pe. Valter Malaquias
Ventura Adrover (Missionária VDei)

Colaboração de:

Leonor Balcão Reis

Comentários e sugestões para:
cadernodeoracaovd@gmail.com

Qual foi a transformação?

4	INTRODUÇÃO
	PARTE I Domingos de Verão
8	3 Julho - Domingo XIV do T.C.
12	10 Julho - Domingo XV do T.C.
16	17 Julho - Domingo XVI do T.C.
20	24 Julho - Domingo XVII do T.C.
24	31 Julho - Domingo XVIII do T.C.
28	7 Agosto - Domingo XIX do T.C.
34	14 Agosto - Domingo XX do T.C.
38	15 Agosto - Assunção da Virgem Santa Maria
42	21 Agosto - Domingo XXI do T.C.
46	28 Agosto - Domingo XXII do T.C.
	PARTE II
54	Introdução
55	Homilia de 13 de Maio de 2022 em Fátima
58	Oração oficial para o X Encontro Mundial das Famílias
60	Excertos do Regulamento dos Discípulos Missionários Verbum Dei
62	Apresentação dos Patronos da JMJ Lisboa 2023

Qual foi a transformação?

O nosso ano letivo está quase a terminar. Não tarda vamos ter de escolher o lema do próximo ano... Mas, se calhar, agora é altura de podermos rever como vivemos este ano o “Deixai-vos transformar”.

Foi Deus quem mais modelou e transformou a nossa vida? Foram os outros? As circunstâncias?

Com certeza foi tudo, e todos os que tocaram a nossa vida realizaram em nós uma pequena ou grande transformação. Se olharmos para trás, iguais, iguais não estamos.

Podemos identificar alguns aspetos da nossa transformação?

Para fazer este exercício, não podemos ser pessimistas nem demasiado otimistas, simplesmente temos de tentar ser realistas. Por vezes, um pequeno sucesso no percurso faz-nos acreditar que já mudámos, mas, um dia ou dois depois, percebemos que continuamos iguaizinhos, o sucesso foi “a voar” e parece que não fizemos nada, que foi tudo uma miragem.

A transformação é um processo, não acontece de um dia para outro, e só a vemos com o tempo.

Por vezes, são os outros que nos dizem: “Mudaste!!!”, e nós ficamos surpreendidos: “Sim? Mudei em quê?”. As suas respostas podem ser vagas... “não sei muito bem, mas mudaste”. E mudaste para bem, estás mais sereno, mais maduro, mais responsável, mais acolhedor, mais...

Nesse momento, é muito importante “acolher” e não nos limitarmos a dizer: “não mudei nada!”. É mesmo bom reconhecer e agradecer, ter mãos e coração aberto, ultrapassar a desilusão e descobrir as sementes de transformação, que já estão a crescer, e as folhas verdejantes que podem produzir frescura e proporcionar
4 sombra e refúgio.

Tudo isto que rezei hoje, o que estive a contemplar, este lento acontecer da transformação, faz-me lembrar o livro do Profeta Ezequiel. No capítulo 47.º, Ezequiel fala da “água” que provém do “templo”, segue o seu caminho e vai produzindo vida por onde passa, vai transformando as margens, vivifica. A água segue o seu caminho frutificador, as terras que a acolhem começam a vibrar e a saltitar, as sementinhas invisíveis, enterradas no aconchego da terra, acordam para desabrochar em verdes pintinhas que, pouco a pouco, se levantam e erguem como dançarinas de um ballet deliciosamente cadenciado.

Com o passar dos dias, há verdura, relvados, água cristalina e purificadora, árvores, frutos, todo o caminho por onde a água vai ficando transformado.

«Ao longo da torrente, nas suas margens, crescerá toda a espécie de árvores frutíferas, cuja folhagem não murchará e cujos frutos nunca cessam: produzirão todos os meses frutos novos, porque esta água vem do santuário. Os frutos servirão de alimento, e as folhas, de remédio.» (Ez 47,12)

Assim pode acontecer a cada um de nós. Se nos tivermos deixado transformar pela “água viva”, aquela que procede de Deus, seguramente, em nós, tem-se produzido essa transformação. Deus tem trabalhado na nossa vida.

Agora também penso noutra passagem bíblica e leio, devagar, o Evangelho de João, no Capítulo 4, onde se fala, também, de uma “água vivificadora”, que purifica a vida e os sentimentos de uma mulher que se sentia “nada”.

«Então Jesus, cansado da caminhada, sentou-se, sem mais, na borda de um poço. Era por volta do meio-dia. Entretanto, chegou certa mulher samaritana para tirar água. Disse-lhe Jesus: “Dá-me de beber”. “Como é que Tu, sendo judeu, me pedes de beber a mim que sou samaritana?” Respondeu-lhe Jesus: “Se conhecesses o dom que Deus tem para dar e quem é que te diz: ‘dá-me de beber’, tu é que

Ihe pediras, e Ele havia de dar-te água viva!” Disse-lhe a mulher: “Senhor, não tens sequer um balde e o poço é fundo... Onde consegues, então, a água viva?”» (Cfr Jo 4, 6-14)

Pela primeira vez, a mulher samaritana sentiu-se transformada, aliviada no seu sentimento de marginalização relativamente aos outros.

Jesus mudou a sua perspectiva, fê-la sentir uma cor nova e trouxe esperança à sua vida. E ela acolheu a vida para a qual Jesus estava a convidá-la e sentiu o gozo de ser uma pessoa nova.

A relação com Jesus tem um imenso poder de transformação.

Tens feito esta experiência?

Já te deixaste mudar?

Olha para ti e surpreende-te com tudo o que Jesus tem feito em ti e... AGRADECE.



parte I **Domingos de Verão**

“Deixai-vos Transformar... pela Alegria do Amor”

- Is 66,10-14 «Alegrai-vos com Jerusalém, exultai com ela, todos vós que a amais (...) Porque assim fala o Senhor: “Farei correr para Jerusalém a paz como um rio e a riqueza das nações como torrente transbordante (...) Como a mãe que anima o seu filho, também Eu vos confortarei: em Jerusalém sereis consolados. Quando o verdes, alegrar-se-á o vosso coração e, como a verdura, retomarão vigor os vossos membros. A mão do Senhor manifestar-se-á aos seus servos”.»
(Is 66, 10-14)

«Naquele tempo, designou o Senhor setenta e dois discípulos e enviou-os dois a dois à sua frente, a todas as cidades e lugares aonde Ele havia de ir. E dizia-lhes: “A seara é grande, mas os trabalhadores são poucos. Pedi ao dono da seara que mande trabalhadores para a sua seara. Ide. Eu vos envio como cordeiros para o meio de lobos. Não leveis bolsa nem alforge nem sandálias, nem vos demoreis a saudar alguém pelo caminho. Quando entrardes nalguma casa, dizei primeiro: ‘Paz a esta casa’. E se lá houver gente de paz, a vossa paz repousará sobre eles; senão, ficará convosco (...)” Os setenta e dois discípulos voltaram cheios de alegria, dizendo: “Senhor, até os demónios nos obedeciam em teu nome”. Jesus respondeu-lhes: “Dei-vos o poder de pisar serpentes e escorpiões e dominar toda a força do inimigo; nada poderá causar-vos dano. Contudo, não vos alegreis porque os espíritos vos obedecem; alegrai-vos antes porque os vossos nomes estão escritos no Céu”.» (Lc 10, 1-12.17-20)



osto muito desta passagem do Evangelho de São Lucas...

Imagino sempre a cena do diálogo de Jesus com os discípulos e o impacto que estas palavras terão tido na vida de cada um deles.

“Alegrai-vos antes porque os vossos nomes estão escritos no Céu!”

Esta frase de Jesus é de uma força tremenda... Como me sinto ao ouvir Jesus dizer estas palavras dirigidas a mim, hoje, aqui e agora?

“Alegra-te porque o teu nome está escrito no Céu!” O teu nome, a tua vida, a pessoa que és está dentro do coração de Deus. És filho(a) de Deus e só isso basta, só isso basta! É a razão da minha esperança, é a razão da minha Alegria.

Estas palavras fazem-me viajar até João 15, 9-12 *“Como o Pai me ama, assim também eu vos amo. Permaneci no meu amor (...) Disse-vos essas coisas para que a minha alegria esteja em vós, e a vossa alegria seja completa. Este é o meu mandamento: amai-vos uns aos outros, como eu vos amo”*.

E esta Alegria, a Alegria do Amor, é maior do que toda aquela em que “os espíritos nos obedecem” – é maior do que o poder, do que querer controlar tudo à minha volta (para ser “à minha maneira”); não é a alegria da “vida certinha” e quando “corre bem”; muito menos a alegria de querer viver sossegado(a) e sem preocupações...

Somos chamados a uma Alegria Maior. E essa Alegria Transforma as nossas vidas. Como diz o profeta Isaías *“Alegrai-vos, Exultai”*. Não estamos sós, aconteça o que acontecer. Somos amados com um Amor Grande, e a mão do Senhor manifesta-se em nós, concretiza-se na vida de cada ser (mesmo naqueles que não o sabem...).

Alegrai-vos sempre no Senhor: ser Cristão é ser Feliz... e não tem a

ver com o maior ou menor número de problemas ou dificuldades que temos na Vida.

É esta Alegria de nos sabermos amados e acarinhados sempre e para sempre que nos conduz à Paz.

Jesus envia os discípulos para espalharem a Boa Nova. Hoje sinto-me chamado(a) a anunciar a Boa Nova da Paz, da Alegria do Amor, da Misericórdia, da Esperança, a todos aqueles que se cruzam comigo.

Jesus convida-nos a também a irmos mais longe, a sairmos da nossa zona de conforto, a arriscarmos: *“Ide...” “Eu vos envio como cordeiros para o meio de lobos”*. Não tenhamos receio, pois, como diz São Paulo na carta aos Gálatas, *“O que tem valor é a nova criatura; paz e misericórdia para quantos seguirem esta norma; doravante ninguém me importune, porque eu trago no meu corpo os estigmas de Jesus”*.

Em qualquer circunstância, em qualquer momento, não nos esqueçamos de olhar para o céu... e procurar o nosso nome no coração de Deus.



A Alegria é uma estrada

Faz-nos percorrer, Senhor, a estrada que conduz à alegria. No simples, no próximo, no escondido da vida, ajuda-nos a ouvir a pequena sinfonia da alegria e a abrir com solenidade para ela as portas indecisas do tempo que corre. Só quem saboreia as pequenas alegrias se dá verdadeiramente conta das grandes. Só quem rejubila com a alegria dos outros percebe que ela é, em cada um de nós, uma onda puríssima que se expande. Ajuda-nos a inscrever a alegria como tarefa e, ao mesmo tempo, a mantermo-nos disponíveis para o modo surpreendente e gratuito da sua vinda.

(In “Rezar de olhos abertos” – José Tolentino Mendonça)

Ama o teu próximo!

- Dt 30,10-14 «Naquele tempo, levantou-se um doutor da lei e perguntou a Jesus para O experimentar:
Sl 68 (69) “Mestre, que hei-de fazer para receber como herança a vida eterna?”. Jesus disse-lhe: “Que está escrito na Lei? Como lês tu?”. Ele respondeu: “Amarás o Senhor teu Deus com
Col 1,15-20 todo o teu coração e com toda a tua alma, com todas as tuas forças e com todo o teu entendimento; e ao próximo como a ti
Lc 10,25-37 mesmo”.

Disse-lhe Jesus: “Respondeste bem. Faz isso e viverás”. Mas ele, querendo justificar-se, perguntou a Jesus: “E quem é o meu próximo?”. Jesus, tomando a palavra, disse: “Um homem descia de Jerusalém para Jericó e caiu nas mãos dos salteadores. Roubaram-lhe tudo o que levava, espancaram-no e foram-se embora, deixando-o meio-morto. Por coincidência, descia pelo mesmo caminho um sacerdote; viu-o e passou adiante. Do mesmo modo, um levita que vinha por aquele lugar, viu-o e passou também adiante. Mas um samaritano, que ia de viagem, passou junto dele e, ao vê-lo, encheu-se de compaixão. Aproximou-se, ligou-lhe as feridas deitando azeite e vinho, colocou-o sobre a sua própria montada, levou-o para uma estalagem e cuidou dele. No dia seguinte, tirou duas moedas, deu-as ao estalajadeiro e disse: ‘Trata bem dele; e o que gastares a mais eu to pagarei quando voltar’. Qual destes três te parece ter sido o próximo daquele homem que caiu nas mãos dos salteadores?”. O doutor da lei respondeu: “O que teve compaixão dele”. Disse-lhe Jesus: “Então vai e faz o mesmo”.»

(Lc 10, 25-37)



uem é o meu próximo, Senhor?

Esta é uma passagem muito lida e relida, e confesso que ressoa em mim, tendencialmente, com muita ligeireza a segunda parte. Como algo que, de alguma forma, se apresenta como que demasiado óbvia, pouco surpreendente...

Em suma, Jesus diz-me que o que me salva é amar a Deus com todo o meu coração e com toda a minha alma, com todas as minhas forças e com todo o meu entendimento; e ao próximo como a mim mesmo! Mas este próximo não é aquele que não me salva, me ignora! O meu “próximo” é aquele que, sendo um desconhecido, é capaz de olhar para mim, estropiado, sem nada, e, ainda assim, se aproxima, me toca, me cuida, dá o seu tempo e dinheiro para me restituir a vida e a dignidade, o meu próximo é aquele que cria vínculo (me cativou, como é dito no Príncipezinho...)... E então, sempre que leio esta passagem, acabo por me perguntar: como não amar alguém assim?!

Neste tempo de oração e de preparação destas pistas, o “óbvio” ganhou maior profundidade em mim...

De facto, Jesus não me convida a amar “como a mim mesmo” os que não “param na minha vida”, mas os que dela fazem parte! Somos responsáveis por quem cativamos e por quem nos deixamos cativar.

“Amar o próximo” é, em certa medida, ligar-me ao diferente, abrir-me até ao oposto, experimentar em mim mesmo o desconhecido que o outro traz em si e contar com isso como resgate da minha própria existência.

“Amar o próximo” é abdicar de contar apenas com as minhas forças, confiando que nos braços do outro, no seu regaço, encontro

a paz de que necessito – não sendo isento o desconforto de aí me deixar estar porque já não é apenas o meu modo, mas a procura de uma nova forma de estar.

“Amar o meu próximo” traz consigo este mistério, esta dualidade de salvação e aparente fragilidade de, não contando só comigo, encontrar a minha força na força do outro, a minha sensibilidade na do outro, o meu ritmo na busca pelo compasso do coração do outro... E como fazer tudo isto sem um profundo desejo de amar o outro, que me salva mas também me questiona, me desacomoda (ainda que seja para me pegar ao colo, colocar-me na sua própria montada e me salvar!)? E, com isso, experimentar e estar presente nas alegrias e nos sofrimentos do que me é próximo... formando-se, assim, uma corrente bidirecional que, dessa forma, não se quebra, dando frutos que permanecem!

Somos chamados a amar...
A amar o mistério de Deus inalcançável e o mistério daquele que nos toca e nos é próximo! E isto traz consigo a oportunidade de vivermos em plenitude!

Porque é esta a minha verdadeira natureza, que encontre em mim a alegria desta busca por viver crente neste amor ao Pai, ao próximo e a mim mesmo “com todo o meu coração e com toda a minha alma, com todas as minhas forças e com todo o meu entendimento”!



Quando Eu não te Tinha

*Quando eu não te tinha
Amava a Natureza como um monge calmo a Cristo.
Agora amo a Natureza
Como um monge calmo à Virgem Maria,
Religiosamente, a meu modo, como dantes,
Mas de outra maneira mais comovida e próxima ...
Vejo melhor os rios quando vou contigo
Pelos campos até à beira dos rios;
Sentado a teu lado reparando nas nuvens
Reparo nelas melhor —
Tu não me tiraste a Natureza ...
Tu mudaste a Natureza ...
Trouxeste-me a Natureza para o pé de mim,
Por tu existires vejo-a melhor, mas a mesma,
Por tu me amares, amo-a do mesmo modo, mas mais,
Por tu me escolheres para te ter e te amar,
Os meus olhos fitaram-na mais demoradamente
Sobre todas as coisas.
Não me arrependo do que fui outrora
Porque ainda o sou.
Só me arrependo de outrora te não ter amado.*

(Alberto Caeiro)

Contemplar e agir: duas faces de uma mesma moeda

- Gn 18,1-10a «Naquele tempo, Jesus entrou em certa povoação, e uma mulher chamada Marta recebeu-O em sua casa.
- Sl 14 (15) Ela tinha uma irmã chamada Maria, que, sentada aos pés de Jesus, ouvia a sua palavra.
- Cl 1,24-28 Entretanto, Marta atarefava-se com muito serviço.
- Lc 10,38-40

Interveio então e disse:

“Senhor, não Te importas que minha irmã me deixe sozinha a servir? Diz-lhe que venha ajudar-me”.

O Senhor respondeu-lhe:

“Marta, Marta, andas inquieta e preocupada com muitas coisas, quando uma só é necessária.

Maria escolheu a melhor parte, que não lhe será tirada”.»

(Lc 10, 38-40)





Quando leio, e rezo, esta leitura sou sempre interpelado por ela. Marta e Maria. Duas personagens e duas atitudes totalmente diferentes. Podemos até dizer que são duas atitudes contraditórias.

Duas pessoas. Duas irmãs. Duas atitudes. Uma das irmãs, Maria, não sai de perto de Jesus, escutando-o. A outra, Marta, trabalha atarefada para servir Jesus. E surge a recriminação e a queixa. Quem só trabalha reclama de quem nada faz. Ação versus contemplação.

Esta é, algumas vezes, a primeira etapa da minha oração quando fico frente a frente com esta leitura.

A dicotomia, talvez mesmo antagonismo, entre contemplar e agir.

Mas, muitas vezes, sou levado a uma outra etapa: complementaridade em vez de dicotomia ou antagonismo.

Talvez, tal como as personagens, as duas atitudes, escutar e agir, sejam irmãs. Talvez sejam as duas faces de uma mesma moeda. Talvez sejam complementares.

Não que esteja a negar que a contemplação seja uma vocação de, e para a, vida. Assim como o serviço aos outros também o é.

No entanto, quando me exponho a esta leitura, sou convidado a integrar na minha vida quotidiana as duas atitudes. A não ficar apenas numa delas. Não ficar numa escuta que é estéril. Nem cair num ativismo sem sentido ou propósito.

Só escutar o Senhor Jesus pode iluminar a nossa vida. Mas, à medida que ela vai sendo iluminada, surge o convite de agir em conformidade com o que o Senhor vai falando ao nosso coração.

A dado momento, no seguimento das queixas de Marta, Jesus responde-lhe dizendo que Maria tinha escolhido a melhor parte e que essa parte não lhe seria tirada.

Ao escutar esta resposta sou interpelado a começar sempre por aqui. Escutar e depois agir.

Só que este “depois” prega algumas partidas, pelo menos a mim. Parece que separa os dois momentos. Um momento em que só escuto e o restante tempo em que ajo. Penso que o desafio que me, nos, é proposto e que não se faça esta separação.

A minha tendência, penso que a de todos, é respondermos a urgências, às tarefas que temos, sejam elas de nível profissional, comunitário, familiar ou pessoal. Algumas tarefas somos nós que atribuímos a nós próprios. Mas outras, atrevo-me a dizer a maioria, são-nos atribuídas por outros.

Uma são muito urgentes e necessitam de uma resposta imediata. Outras podem ser mais ponderadas.

No entanto, esta leitura convida-me cada vez mais a trazer para todos os momentos do dia a dia, para todas as suas tarefas, esta dinâmica de escutar e de agir, tentando fazer isso para cada situação da minha vida.

Vou descobrindo que, no limite, esta leitura me convida a que não feche a oração num determinado momento do meu dia e, muito menos, num determinado tipo de atitude.

Sou convidado a ter uma vida que possa vir a ser, cada vez mais, uma vida orante em cada situação que tenha de vivenciar nesse dia: acolher Jesus na minha “casa”, escutá-lo e agir em conformidade.

Este é um convite para toda a vida. Vamos, dia a dia, respondendo-lhe que sim?

Quando penso nas coisas que quotidianamente nos ensinas, Senhor, vem-me muitas vezes ao pensamento aquela tua palavra dirigida a Marta, num dos vossos encontros em Betânia. Tu disseste-lhe: «Uma só coisa é necessária».

Mesmo num contexto tão exigente como é este em que vivemos, onde sentimos que mil braços nos puxam para direções diferentes, onde mil vozes nos gritam urgências e todas elas reais, onde é fácil que a armadilha da angústia nos capture para uma agitação que, no fundo, só serve para ampliar a impotência e o medo, recordo o teu conselho a Marta: «Uma só coisa é necessária».

Ajuda-nos, Senhor, nesta hora abrupta, a ter a sabedoria de perguntar «qual é a coisa necessária» e concentrar aí a nossa inteligência, o nosso labor e o nosso coração.

Ajuda-nos a discernir, com a luz do Espírito Santo, aquela «única coisa» que, neste momento, melhor resume a indefetível responsabilidade que somos chamados a expressar diante de Ti e dos nossos irmãos.

E ajuda-nos, como Nossa Senhora, a confiar. A confiar, como ela o fez, não só nas metas consideradas possíveis, mas até naquilo que nós, nos momentos de maior desânimo, dúvida ou cansaço, formos tentados a declarar como impossível.

(José Tolentino Mendonça, Uma só coisa é necessária,
in site LABORATÓRIODAFÉ)

Senhor, ensina-nos a orar

- Gn 18,20-32 «Naquele tempo,
Estava Jesus em oração em certo lugar.
- Sl 137 (138) Ao terminar, disse-Lhe um dos discípulos:
“Senhor, ensina-nos a orar,
CI 2,12-14 como João Baptista ensinou também os seus
discípulos”.»
- Lc 11,1-13 (Lc 11, 1-13)





os dias que correm são muitas as pessoas que estão sedentas de oração; agora parece melhor dizer “meditação”. Ensina-me a “meditar”.

No sítio onde vivo, parece que todos os dias surgem novos locais /métodos de meditação.

Jesus ensinou-nos a orar.

Nos últimos tempos tenho pensado: se Jesus viesse hoje ao mundo será que diria: “você ainda estão presos às palavras que foram ditas há 2000 anos??!! Ainda não evoluíram??”. Mas, de facto, há palavras que são intemporais. E a oração que Jesus ensinou aos seus discípulos tem palavras intemporais. Quando me faltam as palavras, por exemplo, quando participo nessas novas atividades de “meditação”, por vezes recorro ao Pai Nosso.

Só nas primeiras palavras desta oração, que Jesus nos ensinou, podemos ficar muito tempo: “*Pai Nosso*”. Esta versão de Lucas não diz “*Pai Nosso*”, diz “*Pai, santificado seja o Teu Nome*”. Mas a versão de S. Mateus (Mt 6, 9-13), inicia com “*Pai Nosso*”, o que faz alguma diferença. Somos todos irmãos, quando digo “*Pai Nosso*” estou a aceitar que cada pessoa é minha irmã, cada palavra da minha oração deve ter presente todos os meus irmãos: portugueses, chineses, ucranianos, russos, aqueles de quem eu gosto e, também, os de quem não gosto, aqueles com quem me identifico e aqueles com quem não me identifico, o meu colega, com quem gosto de almoçar, mas, também, aquele colega com quem me parece nada ter em comum.

E a oração segue “*santificado seja o Teu Nome*”. Será que eu estou disposta a “santificar o Teu nome”? Como devo fazer? Com palavras, com atos?

“Venha o Teu Reino”. Estou disposta a mudar a minha vida para que o Teu Reino seja uma realidade?

“O Meu reino não é deste mundo” disse Jesus a Pilatos (Jo 18, 36). Continuamos com as mesmas regras de há 2000 anos: o mais rico, o mais forte é quem tem mais poder. Jesus veio pôr em causa toda esta lógica. Todavia, continuamos a guiar-nos por esta mesma velha lógica do “mais forte”.

“Se alguém quiser ser o primeiro, seja o último de todos e o servo de todos” (Mc 9, 35).

“Dá-nos o nosso pão de cada dia” E aqui também poderíamos ficar muito tempo... Quantas coisas recebemos em cada dia? Alguma vez passámos fome? Se passámos, foram provavelmente poucas vezes, nesta sociedade de abundância em que vivemos. Provavelmente, muitas vezes comemos demais. E, alargando a ideia: muitas vezes consumimos demais. Assumimos que o “básico de cada dia”, é muito superior ao que de facto é o “básico”.

“Recomendou-lhes que nada levassem para o caminho, a não ser o bastão: nem pão, nem alforge, nem dinheiro; que fossem calçados com sandálias, e não levassem duas túnicas.” (Mc 6, 8-9).

Quantas túnicas temos no nosso roupeiro? Quão cheio está o nosso frigorífico?

E, por fim, o Perdão. Não podemos viver uns com os outros sem pedir perdão pelos nossos erros e sem perdoar os erros dos outros.

Que esta oração do Pai Nosso esteja sempre presente. Para quê orações mais elaboradas, se o próprio Jesus nos deixou uma oração tão simples e tão completa? Deixemo-nos transformar pela oração que Jesus nos ensinou.

Música do Pai Nosso (Sound of Silence)

*Pai Nosso que estais no Céu
e nos que amam a verdade,
que o Reino que Tu nos prometeste
chegue já ao nosso coração
Que o amor que o Teu Filho nos deixou,
que esse amor habite entre nós
E no pão da unidade
Cristo, dá-nos Tua paz,
e esquece-Te do nosso mal
se esquecermos o mal dos demais.
Não permitas que caiamos em tentação,
oh Senhor, e tem piedade do mundo.*

A desmesura do querer!

Ecl 1,2; 2,21-23 «Vaidade das vaidades – diz Coelet – vaidade das vaidades: tudo é vaidade. Quem trabalhou com sabedoria, ciência e êxito, tem de deixar tudo a outro que nada fez. Também isto é
Sl 89 (90) vaidade e grande desgraça. Mas então, que aproveita ao homem todo o seu trabalho e a
Cl 3,1-5.9-11 ânsia com que se afadigou debaixo do sol? Na verdade, todos os seus dias são cheios de
Lc 12,13-21 dores e os seus trabalhos cheios de cuidados e preocupações; e nem de noite o seu coração descansa. Também isto é vaidade.» (Ecl 1, 2; 2, 21-23)

«Naquele tempo, alguém, do meio da multidão, disse a Jesus: “Mestre, diz a meu irmão que reparta a herança comigo”. Jesus respondeu-lhe: “Amigo, quem Me fez juiz ou árbitro das vossas partilhas?”. Depois disse aos presentes: “Vede bem, guardai-vos de toda a avareza: a vida de uma pessoa não depende da abundância dos seus bens”. E disse-lhes esta parábola: “O campo dum homem rico tinha produzido excelente colheita. Ele pensou consigo: ‘Que hei-de fazer, pois não tenho onde guardar a minha colheita? Vou fazer assim: Deitarei abaixo os meus celeiros para construir outros maiores, onde guardarei todo o meu trigo e os meus bens. Então poderei dizer a mim mesmo: Minha alma, tens muitos bens em depósito para longos anos. Descansa, come, bebe, regala-te’. Mas Deus respondeu-lhe: ‘Insensato! Esta noite terás de entregar a tua alma. O que preparaste, para quem será?’. Assim acontece a quem acumula para si, em vez de se tornar rico aos olhos de Deus”.» (Lc 12, 13-21)

onfúcio escreveu: “Todos temos duas vidas. A segunda começa quando percebemos que só temos uma”. A noção de finitude do nosso tempo leva-nos a todos, sem exceção, a desconsiderar os limites dos nossos desejos. Não há nada de errado em termos desejos, é o mais natural no ser humano, mas temos de ser seletivos no que queremos. A desmesura do querer conduz a um estado de permanente insatisfação. Se colocarmos uma criança numa loja de brinquedos e lhe dissermos para levar tudo o que deseja, provavelmente iremos ficar sem espaço em casa. Todos os adultos são ótimos a explicar a uma criança que existem limites, que não se pode ter tudo, porque não haveria tempo para brincar com tudo, ou os pais simplesmente não podem comprar tudo. Mas raramente os adultos são equilibrados nas suas escolhas

A nossa vida tem várias dimensões que se cruzam: a familiar, a profissional, o lazer, a vida espiritual... Tentar desenvolver ou focar toda a nossa atenção num único vetor, leva-nos a um estado de desequilíbrio que conduz à infelicidade. Quantas pessoas conhecemos que desenvolvem a carreira num estado de permanente tensão, que se tornam obsessivos no número de horas que trabalham, no querer chegar a tudo e a todos, na promoção da sua imagem. Há pessoas mais focadas em partilharem nas redes sociais o que estão a fazer, do que no que estão a fazer. Perante uma paisagem deslumbrante a única preocupação é partilharem onde estão, numa promoção constante de uma imagem. Como diz a leitura *“vaidade das vaidades: tudo é vaidade”*. Em vez de olharmos para o nosso interior, de nos deixarmos interpelar por Deus, construímos uma imagem de nós próprios em função dos comentários dos outros.

Na sociedade moderna recebemos muita informação e de forma muito rápida. A nossa atenção dispersa-se. Como é possível, nos dias de hoje, assistirmos a uma celebração litúrgica, um concerto de

música clássica ou a um teatro, se experimentamos uma ansiedade de estarmos permanentemente em falta, desatualizados ou a deixar de responder a solicitações se impõe sobre tudo?

A felicidade que Jesus nos convida a viver está intimamente ligada a um sentimento de desprendimento. Só somos felizes na capacidade de recomeçar, de nos reinventarmos cada dia, de mantermos o espírito aberto à vontade de Deus. Todos os que pensam que estão a subir uma montanha de conhecimento, de riqueza ou prestígio, chegarão ao fim da vida e serão interpelados: *“O que preparaste, para quem será?”* (Lc 12, 13-21).



“O caminho de Cristo que, pela Cruz, conduz à nova vida de ressurreição, é uma via através da qual também chegaremos a tornar-nos humanamente mais amadurecidos e sãos. Neste caminho, todavia, as noções de realização do eu e desenvolvimento de todas as possibilidades, não se encontram no centro. O importante é dar-se a si mesmo e dar a própria vida a Deus, para que Deus atue em nós e possamos ser fortes nas nossas fraquezas. Não se trata de autoflagelação do homem, mas de que Deus seja glorificado em tudo. Uma forma de glorificar a Deus é existir como homem são e amadurecido que morrendo, é revestido com a nova vida da ressurreição «para que a vida de Jesus seja manifesta na nossa carne moral.» (2 Cor 4, 11)”

(O Desafio Espiritual da Meia Idade, Anselm Grün,
ed. Paulinas, p. 10)

“Deixai-vos transformar... pela Fé”

Sb 18,6-9 «A nossa alma espera o Senhor:
Ele é o nosso amparo e protetor.

Sl 32 (33) Nele se alegra o nosso coração,
em seu nome santo pomos a nossa
Hb 11,1-2.8-19 confiança.» (Sl 33)

Lc 12,32-48 «Irmãos: A fé é a garantia dos bens que se
esperam e a certeza das realidades que não se
veem.

Ela valeu aos antigos um bom testemunho. Pela fé, Abraão obedeceu ao chamamento e partiu para uma terra que viria a receber como herança; e partiu sem saber para onde ia. Pela fé, morou como estrangeiro na terra prometida, habitando em tendas, com Isaac e Jacob, herdeiros, como ele, da mesma promessa, porque esperava a cidade de sólidos fundamentos, cujo arquiteto e construtor é Deus. Pela fé, também Sara recebeu o poder de ser mãe já depois de passada a idade, porque acreditou na fidelidade daquele que lho prometeu. Foi por isso também que de um só homem – um homem que a morte já espreitava – nasceram descendentes tão numerosos como as estrelas do céu e como a areia que há na praia do mar.

Todos eles morreram na fé, sem terem obtido a realização das promessas. Mas vendo-as e saudando-as de longe, confessaram que eram estrangeiros e peregrinos sobre a terra (...)

Aqueles que assim falam mostram claramente que procuram uma pátria.

Se pensassem na pátria de onde tinham saído, teriam tempo de voltar para lá.

Mas eles aspiravam a uma pátria melhor, que era a pátria celeste. (...) Pela fé, Abraão, submetido à prova, ofereceu o seu filho único Isaac, que era o depositário das promessas, como lhe tinha sido dito: «Por Isaac será assegurada a tua descendência». Ele considerava que Deus pode ressuscitar os mortos; por isso, numa espécie de prefiguração, ele recuperou o seu filho.» (Hb 11)

«Naquele tempo, disse Jesus aos seus discípulos: “Não temas, pequenino rebanho, porque aprouve ao vosso Pai dar-vos o reino”.» (Lc 12)

 uando comecei a rezar as leituras deste domingo de verão, detive-me na segunda leitura (Carta aos Hebreus). Fui “inspirada” a reler alguns tópicos de um livro que tenho andado a ler, chamado “Amigos do Senhor”, com reflexões do Papa Francisco sobre personagens bíblicas, da história do povo de Deus (o que também me ajudou a escrever estas pistas).

Deus Pai, hoje o convite que nos fazes é óbvio: rezar sobre a fé...
E, para isso, falas-nos sobre uma família: Abraão, Sara e Isaac: uma família de Fé!

Relembrando a história de Deus com Abraão, encontramos três atitudes interiores que são importantes e necessárias para o caminho que queremos percorrer como pessoas de fé:

1) Levanta-te!

Vai, levanta-te, caminha...

Temos uma missão de vida, que se cumpre a caminhar.

Levantar significa não nos deixarmos abater pelos problemas da vida, não desistir mesmo quando é mais fácil ficarmos deitados, ou sentados, à espera.

Quem se dirige a nós e nos diz “Levanta-te!” não é qualquer pessoa: é Deus – o Pai, o Criador, Aquele que nos conhece e nos ama incondicionalmente. É “a garantia dos bens que se esperam e a certeza das realidades que não se veem”. É quem nos diz “Não temas, pequenino, porque quero dar-vos o Reino”.

2) Olha!

Olha para a frente, olha para o norte e para o sul, para o oriente e ocidente, para todo o lado...

Fita o horizonte – olha mais longe

Olha tudo – o grande, o pequeno, o que não se vê... Olha para o céu, para o infinito, mas olha, também, para o chão...

Olha para cada ser.

Tudo nos fala de Deus! Tudo é Deus!

Mas, sobretudo, aprende a olhar com o olhar do Amor de Deus

3) Espera!

Abraão e Sara, na fé, dirigem-se a Deus para que os ajude a continuar a esperar...

“Ajuda-me a continuar a esperar” – esta é a oração da esperança, que está intimamente ligada à fé. “A profunda esperança radica-se na fé, e precisamente por isso é capaz de ir além de toda a esperança. Não se fundamenta na nossa palavra, mas na Palavra de Deus”

A única segurança desta família é confiar na Palavra do Senhor e continuar a esperar. Somos chamados a viver desta forma: contra todas as evidências, confia e espera!

E mesmo se, neste momento, permanece como única possibilidade olhar para as estrelas, então chegou o momento de confiar em Deus. Não há coisa mais bonita. A esperança não desilude!

Hoje queremos agradecer o dom da vida, o dom da Fé, o podermos viver acompanhados por Deus e pelos outros (antepassados e presentes) que nos ajudam no nosso caminho.

Nesta etapa concreta, vamos escutar o Senhor, para que nos ajude a discernir em que aspetos / dimensões da vida precisamos de:

- nos levantar?
- olhar de uma forma diferente?
- esperar?

E, para finalizar, não resisto relembrar a conclusão de umas pistas sobre a Fé que escrevi para o Caderno de Oração no Verão de 2005 (há 17 anos)... Curiosamente, apesar de a família estar diferente e as circunstâncias de vida também, o essencial mantém-se! Aqui vai:

“...E, para terminar estas pistas, rezava há pouco que aprender a viver com fé é aprender a viver como filhos de Deus. E, para aprender a viver como filha, olhava para os meus filhos. E percebi que, mesmo quando não somos capazes de realizar “grandes coisas”, viver uma vida de fé pode-se resumir àquilo que eles me ensinaram:

- estarmos juntos, em família, e dar abraçinhos (definição de “confiança” do meu filho de quatro anos);
- ter a certeza de que, se pedirmos com muita convicção, seremos sempre alimentados com aquilo de que precisamos (“experiência” da minha filha de quase quatro meses)”.



Abraão, nosso pai na fé

A fé desvenda-nos o caminho e acompanha os nossos passos na história. Por isso, se quisermos compreender o que é a fé, temos de explanar o seu percurso, o caminho dos homens crentes, com os primeiros testemunhos já no Antigo Testamento. Um posto singular ocupa Abraão, nosso pai na fé. Na sua vida, acontece um facto impressionante: Deus dirige-lhe a Palavra, revela-Se como um Deus que fala e o chama por nome. A fé está ligada à escuta. Abraão não vê Deus, mas ouve a sua voz. Deste modo, a fé assume um carácter pessoal: o Senhor não é o Deus de um lugar, nem mesmo o Deus vinculado a um tempo sagrado específico, mas o Deus de uma pessoa, concretamente o Deus de Abraão, Isaac e Jacob, capaz de entrar em contacto com o homem e estabelecer com ele uma aliança. A fé é a resposta a uma Palavra que interpela pessoalmente, a um Tu que nos chama por nome.

Esta Palavra comunica a Abraão uma chamada e uma promessa. Contém, antes de tudo, uma chamada a sair da própria terra, convite a abrir-se a uma vida nova, início de um êxodo que o encaminha para um futuro inesperado (...) Mas tal Palavra contém ainda uma promessa: a tua descendência será numerosa, serás pai de um grande povo (cf. Gn 13, 16; 15, 5; 22, 17).

A Abraão pede-se para se confiar a esta Palavra. A fé compreende que a palavra — uma realidade aparentemente efémera e passageira —, quando é pronunciada pelo Deus fiel, torna-se no que de mais seguro e inabalável possa haver, possibilitando a continuidade do nosso caminho no tempo.

Há ainda um aspeto da história de Abraão que é importante para se compreender a sua fé. A Palavra de Deus, embora traga consigo novidade e surpresa, não é, de forma alguma, alheia à experiência do Patriarca. Na voz que se lhe dirige, Abraão reconhece um apelo profundo, desde sempre inscrito no mais íntimo do seu ser. Deus associa a sua promessa à paternidade, a geração

duma nova vida: «Sara, tua mulher, dar-te-á um filho, a quem hás de chamar Isaac» (Gn 17, 19). O mesmo Deus que pede a Abraão para se confiar totalmente a Ele, revela-Se como a fonte donde provém toda a vida.

No caso de Abraão, a fé em Deus ilumina as raízes mais profundas do seu ser: permite-lhe reconhecer a fonte de bondade que está na origem de todas as coisas, e confirmar que a sua vida não deriva do nada nem do acaso, mas de uma chamada e um amor pessoais. O Deus misterioso que o chamou não é um Deus estranho, mas a origem de tudo e que tudo sustenta. A grande prova da fé de Abraão, o sacrifício do filho Isaac, manifestará até que ponto este amor originador é capaz de garantir a vida mesmo para além da morte. A Palavra que foi capaz de suscitar um filho no seu corpo «já sem vida (...), como sem vida estava o seio» de Sara estéril (Rm 4, 19), também será capaz de garantir a promessa de um futuro para além de qualquer ameaça ou perigo (cf. Heb 11, 19; Rm 4, 21).

(da Carta Encíclica Lumen Fidei - Papa Francisco, 2013)

Eu vim trazer o fogo à Humanidade

Jr 38,4-6.8-10 «Naquele tempo, disse Jesus aos seus

discípulos: “Eu vim trazer o fogo à terra e que

quero Eu senão que ele se acenda? Tenho de

receber um batismo e estou ansioso até que

ele se realize. Pensais que Eu vim estabelecer a

paz na terra? Não. Eu vos digo que vim trazer a divisão. A partir de agora, estarão cinco divididos numa casa: três contra dois e dois contra três. Estarão divididos o pai contra o filho e o filho contra o pai, a mãe contra a filha e a filha contra a mãe, a sogra contra a nora e a nora contra a sogra”.»

(Lc 12, 49-53)



mirsad sarajlic by Gettyimages



Evangelho de hoje é muito desconcertante. É fácil imaginar Jesus a ser bondoso, compassivo, a contar parábolas, a falar às multidões sobre o Reino de Deus como um reino de amor e de perdão. Mas estas palavras soam-nos duras (embora muito belas): “eu vim trazer o fogo à terra (...) eu vim trazer a divisão”. Parece que Jesus está a apelar à discórdia, à desunião – até mesmo dentro das famílias. Esta passagem surge a seguir ao momento em que são relatadas várias parábolas, contadas por Jesus, que punham os seus ouvintes na posição de ter de tomar partido por uma personagem, um caminho. No fundo, levá-los a questionar a pessoa que queriam ser. É nesta sequência que Jesus afirma que não veio para criar consenso, mas para “trazer fogo”, “trazer a divisão”.

Ao preparar estas pistas comecei a pensar no que seria esta discordância de que Jesus falou e lembrei-me de que discordar não significa discutir. Muitas vezes, na nossa família, não estamos de acordo com o que alguém diz ou faz (os nossos filhos, seguramente, não concordam com o que lhes dizemos e com aquilo que os “obrigamos” fazer, como comer sentados à mesa, ou ir à catequese...). Mas, quando alguém discorda de nós, abre-se uma oportunidade de olharmos as coisas sob outros pontos de vista, menos óbvios para nós, e que até nos podem trazer surpresas inesperadas. Quem sabe se não são os olhares dos outros mais próximos de Jesus do que os nossos? Ao pensar assim, lembrei-me de algo que me aconteceu há tempos, no trabalho. Depois de uma situação bastante desagradável com uma colega, o meu coordenador insistiu para que eu fizesse queixa dela. Confesso que tinha vontade... É muito desagradável sentirmo-nos humilhados, especialmente quando a responsabilidade pelos erros não é exatamente nossa. Mas, e sei que foi uma atitude consciente, na qual Jesus esteve presente, não o fiz. O tempo passou e tudo se foi apaziguando, sem conflitos nem mais divisões. No entanto, vejo agora, foi a divisão que se criou que me deu a oportunidade de

escolher, de perceber que, nas situações de confronto, há mais do que um caminho possível – e que o mais óbvio nem sempre é o mais próximo de Jesus, do amor e perdão que nos é pedido em cada dia.

A leitura de hoje põe-nos diante de um dilema: e se a mensagem cristã nos fizer olhar para as coisas de uma maneira de tal modo diferente que até pode criar uma rutura, em que nós somos a voz que discorda? Como devemos agir, sendo a voz que destoa? Apaziguando, perdando? Quando alguém diz “Mata!”, somos capazes de não dizer “Esfola!”, e dizer antes “Perdoa!”, “Abraça!”? Tenta pôr-te nos sapatos da outra pessoa! Não sabes aquilo por que passou, porque está a agir desta forma.

No fundo, se pensarmos bem, a base da discórdia é, quase sempre, resultado da nossa pressa de julgar as atitudes dos outros. Mas, mesmo quando as suas ações não são as melhores, seremos mesmo nós os juizes mais qualificados para o apontar? Por vezes, até pode acontecer. E aí, pode caber-nos a missão de os ajudar. Mas, na complexidade tão grande do mundo e da vida de cada um, se Deus não nos julga a nós, nem nos castiga, antes nos perdoa, por que somos tão apressados a julgar e tão avessos a escutar os outros e as suas razões? Há dias, uma catequista muito experiente, a propósito das dificuldades de levar os filhos à catequese, dizia-me (e penso que com muita razão) que era preciso escutar mais as suas razões e fazer-lhes ver como a união com Jesus e com a Comunidade era uma sorte e não uma obrigação. Hoje em dia, nos tempos individualistas em que vivemos, nunca queremos ser “obrigados” a nada, e temos dificuldade em achar que há coisas que, não sendo obrigação, talvez sejam o nosso dever – como o dever de amar e respeitar os outros como seres únicos e amados por Deus – que somos todos. Talvez Jesus, tão longe deste século em que estamos hoje, estivesse precisamente a falar destas desuniões que nos podem abrir a porta para um caminho em que seja mais claro que, na discórdia, cabe-nos o dever de amar.

Para ler aos noviços

*Deus não aparece no poema
apenas escutamos a sua voz de cinza
e assistimos sem compreender
a escuras perícias*

*A vida reclama inventários e detalhes
não a oiças
quando inutilmente perscruta as sequências
do seu trânsito*

*Só há um modo verdadeiro de rezar:
estende o teu corpo ao longo do barco
que desce silencioso o canal
e deixa que as folhas mortas dos bosques
te cubram*

(José Tolentino Mendonça: 50 anos, 50 poemas
https://www.snpcultura.org/jose_tolentino_mendonca_50_anos_50_poemas.html)

O Céu visita a Terra

- Ap 11,19a; 12,1-6a.10ab «O templo de Deus abriu-se no Céu e a arca da aliança foi vista no seu templo. Apareceu no Céu um sinal grandioso: uma mulher revestida de sol, com a lua debaixo dos pés e uma coroa de doze estrelas na cabeça. Estava para ser mãe»
- SI 44 (45)
- 1 Cor 15,20-27 (Ap 11.19a; 12, 1-2a)
- Lc 1,39-56

«O Todo-Poderoso fez em mim maravilhas:
exaltou os humildes»
(Lc 1, 49a.52b)



Hoje fazemos festa com uma mulher caminhante, com os pés na terra, mas muito olhada desde o Céu.

Esta festa da Assunção ajuda-nos a compreender como viver para alcançar a vida para sempre, a Vida que, simbolicamente, situamos no Céu. Sim, muitas são as vezes que levantamos o olhar para falar do Céu, no entanto onde realmente podemos observar o Céu é na coerência da nossa vida na terra.

Se lermos o Evangelho de hoje, vemos que Maria se põe a caminho, percorre a pé os caminhos da sua terra, suja os pés, arrasta a bainha do seu vestido, e chega ao seu destino cansada, sim, cansada de subir e descer, acalorada porque, diz o Evangelho, que ia apressadamente. Se calhar também descansou um pouco...

O encontro com a sua prima, depois do esforço feito, foi cheio de alegria e surpresas –emoções que nem uma nem outra esconderam. Tinham tanto acerca de que falar! Estavam tão felizes por se encontrarem e porem a conversa em dia!!!

Começaram por olhar-se mutuamente e observar o estado de gravidez que as tinha unido ainda mais.

No meio das saudações e dos abraços (não havia covid), sentiram a vida que ambas levavam no seu ventre. A vida dos primos, que conheceriam um caminho comum de generosa entrega, aprendido pelo exemplo e educação das suas mães.

Maria, qual profeta do Novo Testamento, partilha com Isabel a sua história. Sabe-se escolhida por Deus, não por ser perfeita, mas sim porque, sendo pequenina, Deus olhou para ela, e, por isso, sabe bem como é que Deus olha para o mundo.

O seu canto do *Magnificat* é uma maravilhosa experiência de como “o Céu”, ou seja, “Deus”, visita a terra.

Deus, na terra, faz coisas grandiosas, diz Maria, começando por ela, continua depois, com a sabedoria que só os que são conduzidos pelo Espírito têm, a contar como Deus levanta os pobres, os famintos, os humildes, e como foi misericordioso com o povo de Israel e com Abraão e seus descendentes.

A vivência de Maria não é outra senão a de viver o Céu na terra, mas não está isenta de dificuldades, sofrimentos, incompreensões, situações de muita angústia e dor, de falta de conforto, caminhando com muitas, muitas, incertezas no coração. Em tudo isso Maria encontrava a Deus, confiava na Sua Palavra e continuou com um “Sim” perseverante até à Cruz e mais além.

Assim, acompanhada pelos temerosos e tímidos apóstolos, voltou a experimentar o calor, o aconchego e a valentia missionária vinda do Céu, pelo Espírito Santo.

A Assunção de Maria é o resultado, o prémio, a recompensa que teve por, na sua vivência na terra, ter sido olhada e querida por Deus. Deus converteu-a numa mulher revestida de Sol, com a Lua a seus pés e coroada de Estrelas. Uma mulher de luz!!!

Mãe Maria, desejo, como tu, deixar-me olhar por Deus. Visita a minha terra, eu quero que estejas ao meu lado para me ensinares a deixar que o Espírito venha fortalecer as minhas fragilidades, apaziguar as minhas incertezas, que o seu Céu frutifique e vivifique a minha terra, para ser, como tu, anúncio e testemunho da Palavra de Deus feita carne em Jesus de Nazaré.

Maria disse, então:

«A minha alma glorifica o Senhor

e o meu espírito se alegra em Deus, meu Salvador.

Porque pôs os olhos na humildade da sua serva.

De hoje em diante, me chamarão bem-aventurada todas as gerações.

O Todo-poderoso fez em mim maravilhas.

Santo é o seu nome.

A sua misericórdia se estende de geração em geração

sobre aqueles que o temem.

Manifestou o poder do seu braço

e dispersou os soberbos.

Derrubou os poderosos de seus tronos

e exaltou os humildes.

Aos famintos encheu de bens

e aos ricos despediu de mãos vazias.

Acolheu a Israel, seu servo,

lembrado da sua misericórdia,

como tinha prometido a nossos pais,

a Abraão e à sua descendência, para sempre.»

Maria ficou com Isabel cerca de três meses. Depois regressou a sua casa.

(Lc 1, 46-56)

Da porta larga do mundo à porta estreita do Reino de Deus

- Is 66,18-21 «Naquele tempo, Jesus dirigia-se para Jerusalém e ensinava nas cidades e aldeias por onde passava. Alguém lhe perguntou: “Senhor, são poucos os que se salvam?” Ele respondeu: “Esforçai-vos para entrar pela porta estreita, porque Eu vos digo que muitos tentarão entrar sem o conseguir. Uma vez que o dono da casa se levante e feche a porta, vós ficareis fora e batereis à porta, dizendo: “Abre-nos, Senhor”. Mas ele responder-vos-á: “Não sei donde sois”. Então começareis a dizer: “Comemos e bebemos contigo e tu ensinaste nas nossas praças”. Mas ele responderá: “Repito que não sei donde sois. Afastai-vos de mim, todos os que praticais a iniquidade”. Aí haverá choro e ranger de dentes, quando virdes no reino de Deus Abrão, Isaac e Jacob e todos os Profetas, e vós serdes postos fora. Hão-de vir do Oriente e do Ocidente, do Norte e do Sul, e sentar-se-ão à mesa do reino de Deus. Há últimos que serão dos primeiros e primeiros que serão dos últimos”.»
- (Lc 13, 22-30)

Em vez de responder à questão colocada com um número dos que se salvam, Jesus indicou o caminho da Salvação: *“Esforçai-vos para entrar pela porta estreita”* e alerta-nos para estarmos sempre vigilantes *“porque Eu vos digo que muitos tentarão entrar sem o conseguir”*. E, como Amigo, alerta sobretudo aqueles que estiveram com Ele, que comeram e beberam juntos, que ouviram a Sua Palavra.

Quantas vezes, Senhor, me deixo levar pelo “conforto” e “quentinho” que também Pedro sentiu na montanha, pelo “arder do coração” quando Te sinto perto, Te escuto e Te sigo, podendo até, às vezes, criar imagens cristalizadoras do que já fiz ou do que já fui e, de repente, me distraio e, quando volto a dar atenção, já me deixei conduzir pelos pensamentos, desejos ou motivações da “porta larga” do mundo...

E a solução não é “sair” do mundo ou “fugir” para onde acho que tudo me vai levar a ser sempre (ou mais vezes) boa e a seguir-Te melhor. O caminho de transformação não se faz externamente, mas internamente. O trigo e o joio estão misturados neste mundo até à hora da ceifa e colheita. É exatamente na minha motivação mais profunda, naquilo que me leva a fazer, a dizer ou a ser algo que se vê se és, ou não, Tu quem me conduz. Na verdade, até o fazer o bem pode não conduzir à porta estreita, se não for com a motivação de amar como Tu amaste.

E o que é a porta estreita? É Jesus. E o caminho para Ele consiste em cumprir a Sua palavra, em segui-Lo. É o caminho do serviço, de entrega, de partilha, do amor e dom da vida.

E o que temos de largar, que nos engorda, para conseguirmos entrar na porta estreita? É aquilo que nos impede de seguir o caminho indicado por Ti, como por exemplo, o egoísmo, o orgulho, a riqueza, o desejo de poder e domínio, o desejo de

reconhecimento. No fundo, aquilo que, no meu íntimo, me dificulta ou impede de servir o outro por amor, de me entregar ao outro, de amar o outro, seja ele quem for.

Num mundo que me apela a entrar por uma porta larga, em que muitas coisas luzem e chamam por mim, pelo meu sucesso, riqueza, exposição, concretização de objetivos, em que o trigo e o joio estão misturados e crescem juntos, qual é o *caminho de sucesso* que 1) desejo? 2) e que escolho? 3) e com que motivação?

Jesus diz para me esforçar. Não significa que vá conseguir sempre... A palavra de ordem é não desistir! O desafio que lanço para esta semana é o de, em cada dia, visitar as últimas 24 horas para encontrar momentos em que me esforcei para entrar na porta estreita.



Partir sem chegar

*Precisarás de tempo para alcançar a margem
o ramo do tamarindo onde te espera
o assobio do barqueiro
não é o primeiro
deverás tactear a escuridão da folhagem
e enganares-te tantas vezes
que te convenças que não sabes*

*estreita é a corrente invisível que nos conduz
por corredores, registos, águas em queda
àquele momento talvez involuntário
onde palavra dita a palavra calada
se tocam*

(José Tolentino Mendonça, Teoria da Fronteira)

Abre-te à mentalidade de Deus!

- Sir 3,19-21.30-31 «Irmãos: Vós não vos aproximastes de uma realidade sensível, como os israelitas no monte Sinai: o fogo ardente, a nuvem escura, as trevas densas ou a tempestade, o som da trombeta e aquela voz tão retumbante que os ouvintes suplicaram que não lhes falasse mais. Vós aproximastes-vos do monte Sião, da cidade do Deus vivo, a Jerusalém celeste, de muitos milhares de Anjos em reunião festiva, de uma assembleia de primogénitos inscritos no Céu, de Deus, juiz do universo, dos espíritos dos justos que atingiram a perfeição e de Jesus, mediador da nova aliança.»
(Hb 12, 18-19. 22-24a)
- SI 67 (68)
- Hb 12,18-19.22-24a
- Lc 14,1.7-14

«Naquele tempo, Jesus entrou, num sábado, em casa de um dos principais fariseus para tomar uma refeição. Todos O observavam. Ao notar como os convidados escolhiam os primeiros lugares, Jesus disse-lhes esta parábola: “Quando fores convidado para um banquete nupcial, não tomes o primeiro lugar. Pode acontecer que tenha sido convidado alguém mais importante do que tu; então, aquele que vos convidou a ambos, terá que te dizer: ‘Dá o lugar a este’; e ficarás depois envergonhado, se tiveres de ocupar o último lugar. Por isso, quando fores convidado, vai sentar-te no último lugar; e quando vier aquele que te convidou, dirá: ‘Amigo, sobe mais para cima’; ficarás então honrado aos olhos dos outros convidados. Quem se exalta será humilhado e quem se humilha será exaltado”. Jesus disse ainda a quem O tinha convidado: “Quando ofereceres um almoço ou um jantar, não convides os

teus amigos nem os teus irmãos, nem os teus parentes nem os teus vizinhos ricos, não seja que eles por sua vez te convidem e assim serás retribuído. Mas quando ofereceres um banquete, convida os pobres, os aleijados, os coxos e os cegos; e serás feliz por eles não terem com que retribuir-te: ser-te-á retribuído na ressurreição dos justos”.»

(Lc 14, 1. 7-14)



Começo estas pistas com uma confissão: quando li as leituras pensei “porque é que não pedi a alguém que as rezasse? Porque insisto em assumir estas coisas quando não tenho tempo, não tenho disposição, não consigo rezar grande coisa... E, ainda por cima, leituras destas!”. Pois, não tenho resposta, mas sei que não consigo dizer não a Jesus, mesmo quando Ele me bate à porta sob a forma de pistas, e me convida a ir mais além, a ir mais longe nas minhas conversas com Ele, a deixar converter estas partes de mim que não querem ter o trabalho, que preferem não arriscar e deixar-me ficar onde estou já instalada.

Desde a Páscoa que tenho vindo a olhar muito para Pedro... Como Pedro, aquele que dizia que queria acreditar e depois negou Jesus, dizia que sim e fugia. Dizia que sim, mas depois não se deixava envolver ou não se queria envolver tanto; queria fazer o que Jesus dizia, mas depois preferia ficar com Jesus e os outros apóstolos, recolhido e sossegado, em vez que ir para o meio da multidão... Como é que Pedro acabou a ser pedra angular? Um daqueles que nos parecem tão pouco capacitados... Se fosse nos dias de hoje, diria que foi escolhido quem tinha menos habilitações para o “cargo”. Mas estamos a falar de Deus. E Deus, felizmente, não tem a mesma lógica que nós, nem a mesma mentalidade. Ele, para nos

amar, para nos convidar, para nos questionar não nos pede o certificado de habilitações, nem nos pergunta onde trabalhamos para ver se “valem a pena”, ou quantos *likes* temos nas nossas redes sociais...

Cada vez mais sinto que somos chamados à conversão profunda. A deixarmo-nos entranhar neste Deus, ou a deixarmos que Ele se entranhe em nós, mesmo quando estamos tão entranhados no mundo que nos parece impossível isso acontecer!

Nem de propósito, o nosso lema deste ano é “deixai-vos transformar”... Vamos a meio do ano. Por que não fazemos um balanço de como temos vivido? Como me tenho deixado transformar por Deus? Tenho ouvido o Seu chamamento? Tenho escutado o que me diz? Tenho-O deixado falar ao coração? Transformá-lo verdadeiramente? Ou tenho fugido?

“Irmãos: (...) Vós aproximastes-vos do monte Sião, da cidade do Deus vivo, (...) e de Jesus, mediador da nova aliança”.

Jesus, tenho-Te deixado viver no meu coração? És um Deus vivo nele? Às vezes, pensamos que somos pequenos, que as condições são adversas, que o mundo está em guerra, está com pandemias, não estamos no tempo favorável... E, depois, olho para Fátima e para o 13 de maio... Quantos de nós lá estivemos? E, realmente, fomos luz, tínhamos uma vela acesa nas mãos e deixámo-la brilhar.

Já pensaram, realmente, no efeito que temos no nosso mundo, se cada um de nós deixar brilhar a sua luz, a sua aliança com este Deus vivo, que vive através de cada um de nós?

“É aos humildes que Deus revela os Seus segredos”... Deixo-Te espaço para me contares os Teus segredos, Pai?

“Mas quando ofereceres um banquete, convida os pobres, os aleijados, os coxos e os cegos; e serás feliz por eles não terem com que retribuir-te”.

Esta nova mentalidade convida-nos ao despojamento. Não só ao despojamento exterior, do que temos, do que compramos, do que consumimos só porque sim, porque é moda. Mas ao despojamento do que nos impede de mergulhar nesta mentalidade de Deus, do que nos torna vazios e pouco fraternos. Despojamento do que nos afasta de Deus e nos impede de nos abirmos aos Seus desafios, que nos impede de olhar além da nossa pequenez e de sermos ousados, apesar de pequenos!... A fazer como Maria, que confiou, entregou, viveu os seus dias com Deus. E tal não a poupou a nada, e também não nos poupará a nós. Mas acreditou sempre que Aquele em quem ela acreditava estava com ela. Como ouvi numas pistas da Páscoa, Jesus ensina-nos a atravessar a cruz, se O deixarmos.

E eu, com quem vivo os meus dias?

Deus vem no dia-a-dia, na pequenez, na rotina. Se viesse com pompa e circunstância, provavelmente nem olharia para mim... Então, Pai, ajuda-nos a viver e a conviver bem na nossa pequenez, com humildade, abraçados no Teu amor, partindo dele para viver os nossos dias, aprendendo a olhar o outro com o coração. A conseguir ver os pobres e os oprimidos que nos confias.



«Agostinho vive uma experiência comum nos dias de hoje, comum entre os jovens de hoje: foi educado pela mãe Mónica na fé cristã, mesmo se não recebe o Batismo, mas, crescendo, distancia-se, não encontra nela a resposta às suas perguntas, aos desejos do seu coração, e é atraído por outras propostas», lembrou Francisco, citado pela Rádio Vaticano.

Depois de se juntar aos maniqueus, Agostinho «dedica-se com empenho aos seus estudos, não renuncia ao divertimento despreocupado, aos espetáculos do tempo, estabelece amizades, conhece o amor intenso e empreende uma brilhante carreira de mestre de retórica».

Santo Agostinho, prosseguiu o papa, «é um homem "feito", tem tudo, mas no seu coração permanece a inquietação da procura do sentido profundo da vida; o seu coração não está adormecido, ou seja, não está anestesiado pelo sucesso, pelas coisas, pelo poder (...), continua a procurar o rosto de Deus».

Mesmo cometendo «erros» e sendo «pecador», Agostinho «não perde a inquietude da procura espiritual», e deste modo «descobre que Deus o esperava» e que «nunca tinha cessado de o procurar», acrescentou Francisco na homilia da missa de abertura do Capítulo Geral dos Agostinianos.

«Quería dizer a quem se sente indiferente perante Deus, perante a fé, a quem está longe de Deus ou que O abandonou, e também a nós, com as nossas "distâncias" e os nossos "abandonos" face a Deus, talvez pequenos, mas que são tantos na vida quotidiana: olha para o profundo do teu coração, olha para o interior de ti mesmo, e pergunta-te: é um coração que deseja algo de grande, ou um coração adormecido pelas coisas?».

Francisco continuou a interpelação: «O teu coração conservou a inquietude da procura, ou deixou-se sufocar pelas coisas, que acabam por o atrofiar? Deus espera-te, procura-te: o que respondes?».

Após a conversão, Agostinho «não se fecha em si mesmo, como quem já chegou, mas continua o caminho. A inquietude da

procura da verdade, da procura de Deus, torna-se a inquietude de conhecê-Lo sempre mais e de sair de si próprio para fazê-Lo conhecido aos outros».

A «paz da inquietação» consiste em estar «sempre inquieto», sublinhou o papa, que deixou mais pistas de reflexão: «Sou inquieto por Deus, por anunciá-lo, por fazê-lo conhecer? Ou deixo-me fascinar pela mundanidade espiritual que conduz a fazer tudo por amor de si próprio?».

Os cristãos não podem ser indiferentes: «Por vezes pode viver-se num condomínio sem se conhecer quem vive ao lado; ou pode estar-se em comunidade sem se conhecer verdadeiramente o próprio irmão: com dor penso nos consagrados que não são fecundos, que são "solteirões"».

«A inquietude do amor oferece-nos o dom da fecundidade pastoral, e devemos perguntar-nos - cada um de nós - como vai a minha fecundidade espiritual, a minha fecundidade pastoral?», apontou.

(Papa Francisco. Roma, 28.8.2013, site Pastoral da Cultura)

parte II

Tempo de Verão.

Tempo de férias, de descanso, de abrandamento do ritmo, de estarmos mais uns com os outros, de darmos mais tempo ao essencial, ao que nos dá Vida.

Seleccionámos alguns textos para esta última parte do Caderno, que têm como ponto comum aquilo que o Verão nos pode permitir dar e receber: a atenção aos outros, a escuta de Deus e do que nos rodeia – incluindo da Natureza – um olhar diferente, refrescado, rejuvenescido pelos momentos vividos, pela amizade partilhada e, muito, muito pela oração.

Jesus, no Seu descanso, afastava-Se do que fazia habitualmente e ficava a sós com o Pai e com os Seus amigos mais íntimos.

Deixamos, para que leiam e desfrutem:

- algumas frases da homilia do dia 13 de maio deste ano, em Fátima;
- a oração do X Encontro Mundial das Famílias, a decorrer em Junho;
- excertos de um documento da Família Verbum Dei;
- a apresentação dos Santos patronos das Jornadas Mundiais da Juventude, que ocorrerão em Lisboa, no Verão do próximo ano.

Bom Verão!

Boa oração.

Homilia 13 de maio de 2022 FÁTIMA

A escuta de Deus e do outro

(...) «Feliz Aquela que Te trouxe no seu ventre e Te amamentou ao seu peito» (Lc 11, 27). Surpreende, porém, a resposta de Cristo: «Mais felizes são os que ouvem a palavra de Deus e a põem em prática» (Lc 11, 28). Por que motivo o Senhor parece não apoiar o elogio feito à Sua Mãe? Porque deseja levar-nos mais longe. (...)

É precisamente aqui que Jesus Cristo faz uma passagem inovadora – ousaria dizer, revolucionária: mais feliz do que a pessoa que acolhe a vida física, é quem acolhe no seu íntimo a Palavra divina; mais feliz do que a pessoa que nutre um corpo, é quem dá corpo à Palavra, pondo-a em prática.

Há um vínculo novo, superior ao da carne e do sangue: é o vínculo da fé.

Ora, se quisermos ver realizada a passagem da carne à fé, não há nada melhor do que contemplar Maria. É precisamente isto que Jesus destaca no Evangelho; é como se dissesse: «Não louvem a minha Mãe só porque Me trouxe ao mundo, mas também e sobretudo porque, no mundo, ninguém como Ela acolheu e pôs em prática a Palavra de Deus».

(...)

Por que será assim tão importante a escuta?

Porque afirma a primazia de Deus e da Sua Palavra sobre nós e as nossas obras.

Os cristãos – disse o Papa – são «filhos da escuta» (Regina cœli, 08/05/2022).

Desde o início do seu pontificado, o Papa Francisco pede que demos espaço diariamente à Palavra de Deus, revelando que traz sempre consigo um pequeno Evangelho.

E, no processo sinodal em curso, pede para nos abriremos, como Igreja, à escuta do Espírito.

De facto, há sempre o risco de acabarmos absorvidos por um ativismo estéril, que não deixa o primado a Deus, à oração, à contemplação. (...)

Pensemos também como está desvalorizada a escuta na família, no trabalho, na vida quotidiana: dizemos e amplificamos muitas palavras, movidos pela pressa de dizer ou fazer sempre qualquer coisa; esquecemo-nos de nos saciarmos com calma na fonte da vida e da paz, que é o Senhor, e de dedicarmos tempo às relações mais importantes, que se preservam primariamente acolhendo o outro, as suas palavras, o seu olhar.

Mesmo a nível internacional, pensemos como seria importante escutar as razões do outro e dar prioridade ao diálogo e à negociação, os únicos caminhos para uma paz estável e duradoura, em vez de empreender ações inspiradas pela busca gananciosa e apressada dos próprios interesses. A escuta, feita de silêncio que abre o coração, ajuda a acalmar ressentimentos e rancores e reencontrar o caminho da paz. (...)

Contemplando Maria, vemos que a sua escuta se transforma imediatamente em ação concreta: ao anúncio do anjo, segue-se a viagem até casa da prima Isabel (cf. Lc 1, 39-56); em Caná, numa frase de Jesus entrevê possibilidade suficiente para convidar os serventes a fazerem tudo o que Ele lhes dissesse (cf. Jo 2, 5); depois da ressurreição, alimenta o anúncio da Páscoa, guardando os discípulos na unidade através da oração perseverante e unânime (cf. At 1, 14).

A fé de Maria não se limita a uma escuta acolhedora, mas torna-se vida prática: zelo na caridade, testemunho concreto, perseverança.

[Maria] ajuda-nos a descobrir a maravilha duma fé que renasce da escuta e cresce na perseverança, na caridade operosa, na oferta jubilosa da vida, na concretização do anúncio. (...)

«Ide e anunciai»: disse Jesus, no final do Evangelho (cf. Mt 28, 19).

Maria pôs em prática também esta palavra e não Se cansa de nos visitar, consolar, acompanhar para fazer levedar entre nós a presença de Deus. Imitemo-La também nisto: sintamos próximas de nós – como se nos estivessem confiadas pela Providência – todas as pessoas que ainda não experimentaram o encontro vivo com Jesus Cristo. Não tenhamos medo de tomar a peito as suas vidas e testemunhar, com proximidade e ternura, a beleza do rosto de Deus.

D. Edgar Peña Parra



O amor na família: vocação e caminho de santidade

Pai Santo,
estamos aqui diante de Ti
para louvar-Te e agradecer-Te
pelo grande dom da família.

Nós Te pedimos pelas famílias
consagradas no sacramento do matrimônio,
para que possam redescobrir todos os dias a graça recebida
e, como pequenas Igrejas domésticas, saibam testemunhar a Tua Presença
e o amor com o qual Cristo ama a Igreja.

Nós Te pedimos pelas famílias
que passam por dificuldades e sofrimentos,
doença ou por problemas que só Tu conheces:
que Tu as sustentas e as tornes conscientes
do caminho de santificação ao qual as chamas,
para que possam experimentar a Tua infinita misericórdia
e encontrar novos caminhos para crescer no amor.

Nós Te pedimos pelas crianças e jovens,
para que possam encontrar-Te
e responder com alegria à vocação que planejaste para eles;
por seus pais e avós, para que sejam conscientes
de serem sinal da paternidade e maternidade de Deus
no cuidado dos filhos que, na carne e no espírito,
Tu confias a eles; pela experiência de fraternidade
que a família pode dar ao mundo.

parte II Oração oficial para o X Encontro Mundial das Famílias
22-26 de junho de 2022

Senhor, concede que cada família
possa viver a própria vocação à santidade na Igreja
como um chamado para ser protagonista da evangelização,
a serviço da vida e da paz,
em comunhão com os sacerdotes e em cada estado de vida.

Abençoa o Encontro Mundial das Famílias.
Amém.



REGULAMENTO DOS DISCÍPULOS MISSIONÁRIOS VERBUM DEI (excertos)

Entre os anos 2001 e 2021, a Família Missionária Verbum Dei, atenta ao Espírito Santo, percorreu um caminho progressivo de reflexão sobre a sua identidade e missão, acolhendo o legado do seu fundador, Jaime Bonet, para encarnar o carisma Verbum Dei nos diferentes estados de vida. (...)

Para a elaboração deste Regulamento, a comissão empregou uma metodologia sinodal com o objetivo de escutar todos os membros da Família Missionária Verbum Dei, especialmente os Discípulos Missionários Verbum Dei.

Campos próprios de missão dos Discípulos Missionários Verbum Dei

Nós, os Discípulos Missionários Verbum Dei (DMVD), desejamos viver a missão a partir dos diferentes âmbitos da nossa vida diária e a partir do estado laical a que Jesus nos chamou.

- Fazer da família uma comunidade de vida e amor

1. A nossa missão começa na própria família, tentando viver os valores do Evangelho e procurando ser presença de Deus nas nossas casas, à maneira da família de Nazaré.
2. Queremos promover nas nossas casas uma cultura vocacional que faça surgir vocações missionárias para todos os estados de vida, sem jamais abandonar o meio privilegiado da oração.

- O trabalho e a profissão como campo de missão

1. Como DMVD, fazemos por integrar a vida laboral na opção cristã, vivendo a profissão como um campo de missão a partir de uma espiritualidade missionária. As tarefas realizadas como oferenda a Deus e a atitude fraterna para com todos suscitam interrogações

parte II Regulamento dos Discípulos Missionários Verbum Dei

nos nossos colegas de trabalho e criam as condições ideais para darmos a razão da nossa esperança, gerando nos nossos lugares de trabalho ambientes fraternos.

- *O apostolado pessoa a pessoa*

1. Como DMVD, vivemos muitas vezes a missão, não com grandes massas, mas através do contacto pessoal e do “tu a tu”. Por isso, fazemos por ter a disposição permanente de levar aos outros o amor de Jesus com uma atitude humilde e prudente. Para tanto, ajuda-nos a consciência e a convicção de que a nossa mensagem é tão rica e tão profunda que nos supera sempre. Por vezes, exprime-se de maneira mais direta; outras vezes, mostra-se através de gestos e ações pelos quais o Espírito Santo opera nas pessoas.



JORNADAS MUNDIAIS DA JUVENTUDE LISBOA 2023

Apresentação dos Patronos

Padroeira por excelência da próxima Jornada Mundial da Juventude é a **Virgem Maria**, a jovem que aceitou ser mãe do Filho de Deus incarnado. Ela que se levantou e foi apressadamente para a montanha, ao encontro de sua prima Isabel, levando-lhe Jesus que concebera. Assim ensina os jovens de todo o tempo e lugar a levarem Jesus aos outros que O esperam, agora como então!

Patrono é também **São João Paulo II**, a quem se deve a iniciativa das Jornadas, que têm reunido e animado milhões de jovens dos cinco continentes.

Padroeiros e padroeiras são todos os santos e santas que se dedicaram ao serviço da juventude e em especial **São João Bosco**, que São João Paulo II declarou “Pai e Mestre da Juventude”. Aos formadores propôs o seu “sistema preventivo”, de permanente atualidade: «Estai com os jovens, evitai o pecado pela razão, religião e amabilidade. Tornai-vos santos, educadores de santos. Os nossos jovens sintam que são amados».

Contamos também com a proteção de **São Vicente**, diácono e mártir do século IV, que sendo padroeiro da diocese a todos acolherá e reforçará com a sua caridade e testemunho evangélico.

Realizando-se em Lisboa, a Jornada terá o apoio celestial de alguns santos lisboetas, que daqui partiram para anunciar a Cristo. Como **Santo António**, nascido por volta de 1190, que mais tarde seguiria, já franciscano, rumo a Marrocos primeiro e logo de seguida para a

Itália, o Sul de França e de novo Itália, convertendo muita gente ao Evangelho que vivia e pregava. Faleceu em Pádua em 1231 e um ano depois já tinha sido canonizado, tanta era a certeza da sua santidade. O papa Leão XIII chamou-lhe “o santo do mundo inteiro”.

Também de Lisboa foi, séculos depois, **São Bartolomeu dos Mártires**, dominicano e arcebispo de Braga. Partiu para Trento, tomando parte na última fase (1562-63) do Concílio que ali quis reformar a Igreja, tornando os pastores mais próximos das ovelhas, como o Evangelho requer e tanto insiste o Papa Francisco. São Bartolomeu, no Concílio e depois, foi determinante neste sentido e ainda hoje nos motiva a todos.

Um século depois, outro jovem lisboeta, **São João de Brito**, jesuíta, partiu para a Índia, para anunciar Cristo. Imparável no anúncio e nas viagens difíceis, vestindo e falando de modo a chegar a todos os grupos e classes, foi martirizado em Oriur, em 1693.

Acompanham-nos também alguns bem-aventurados (beatificados), lisboetas também.

A primeira, **Joana de Portugal**, filha do rei Afonso V, que, podendo ter sido rainha em vários reinos da Europa, preferiu unir-se a Cristo e à paixão de Cristo, partindo para o claustro aos dezanove anos.

Faleceu em Aveiro, no convento das dominicanas, em 1490. Chamamos-lhe Santa Joana Princesa e impele-nos a escolhas radicais.

Em 1570, **João Fernandes**, jovem jesuíta, foi martirizado ao largo das Canárias, quando se dirigia para a missão do Brasil. Foi um dos quarenta mártires dessa altura, chefiados pelo Beato Inácio de

Azevedo. Tinham partido em resposta ao seu apelo missionário e decerto contribuiriam desse modo no Céu para a missão que não conseguiram realizar na terra.

Mais tarde, **Maria Clara do Menino Jesus**, jovem aristocrata nascida nos arredores da capital. Ficou órfã muito cedo, mas decidiu ser “mãe” dos desamparados. Numa altura em que tal era oficialmente proibido, conseguiu fundar uma congregação religiosa dedicada a essa causa (Franciscanas Hospitaleiras da Imaculada Conceição). Até falecer, em 1899, ultrapassou todas as oposições, repetindo: «Onde é preciso fazer o bem, que se faça!»

A estes jovens lisboetas que “partiram” como a Mãe de Jesus, quer na geografia do mundo quer na geografia da alma, para levarem Cristo a muitos outros, juntam-se padroeiros de outras origens, mas do mesmo Reino. Como o bem-aventurado **Pedro Jorge Frassati**, que até falecer em Turim, em 1925, aos vinte e quatro anos, a todos tocou com o dinamismo, a alegria e a caridade com que vivia o Evangelho, tanto escalando os Alpes como servindo os pobres. São João Paulo II chamou-lhe “o Homem das Oito Bem-Aventuranças”.

Com a mesma juventude e generosidade, contamos com o bem-aventurado **Marcel Callo**, nascido em Rennes e falecido no campo de concentração de Mauthausen em 1945. Foi escuteiro e depois jocista (Juventude Operária Católica) e, quando aos 22 anos foi chamado para o trabalho obrigatório na Alemanha, para lá partiu, com a firme intenção de continuar o apostolado nessa duríssima condição. Por isso o levaram depois para o campo de concentração onde viria a morrer.

Contamos ainda com a proteção de dois jovens bem-aventurados que também “partiram”, mesmo quando a doença lhes imobilizou o corpo, mas não o coração. Como Cristo pregado na cruz, que daí mesmo partiu para o Pai e nos salvou a todos com a vida que entregou. Foi com Cristo abandonado na cruz que se quis identificar a bem-aventurada **Chiara Badano**, jovem focolarina, quando aos 16 anos a doença a surpreendeu. Faleceria dois anos depois, em 1990, irradiando sempre uma alegria luminosa que confirmou o nome de “Luce”, que Chiara Lubich lhe dera.

No ano seguinte, 1991, nasceu o bem-aventurado **Carlo Acutis**, que veio a morrer de leucemia em Monza aos quinze anos. A sua curta vida foi preenchida com grande devoção mariana e eucarística, que a habilidade com o computador lhe permitiu difundir, mesmo durante a doença. Assim mesmo fez do seu sofrimento uma oferta e partiu feliz.

No tempo de cada um, os Patronos da JMJ Lisboa 2023 demonstraram que a vida de Cristo preenche e salva a juventude de sempre. Com eles contamos, com eles partimos!

D. Manuel Clemente, Cardeal-patriarca de Lisboa

<https://agencia.ecclesia.pt/portal/jmj-lisboa-2023-jornada-mundial-da-juventude-divulgou-patronos-da-jmj-lisboa-2023/>



Família Missionária Verbum Dei

Uma Família

A Família Missionária Verbum Dei (FaMVD), como o seu próprio nome indica, é primeiramente uma "Família" profundamente missionária e ao serviço da Palavra de Deus, formada por homens e mulheres de todas as culturas, línguas, nações e estados de vida. Os membros desta Família, movidos pela mesma missão e espiritualidade Verbum Dei, procuram seguir Cristo e transmitir a vida e o amor de Deus a todos os povos.

Três Ramos

No coração da Família Verbum Dei está a Fraternidade Missionária Verbum Dei (FMVD), uma Instituição de Vida Consagrada da Igreja Católica formada por pessoas que consagram a sua vida a Deus. Dela fazem parte:

_Dois Ramos celibatários (que professam os votos de pobreza, castidade e obediência) - Missionárias e Missionários consagrados.

_Casais Missionários - que se consagram a Deus através do sacramento do Matrimónio e de um compromisso solene que os vincula.

Fundada a 17 de Janeiro de 1963, em Maiorca (Espanha), pelo Rvdo. D. Jaime Bonet, a FMVD tem como Missão o anúncio da Palavra de Deus e a propagação do Seu Reino através:

_da oração;

_do ministério da Palavra;

_do testemunho de vida evangélica.

Consulte as atividades da Família Missionária Verbum Dei de Lisboa em lisboa.verbumdei.org/calendario



Centro de Evangelização Vale de Lobos

Rua Profª Rosa Génio Alves nº 7, 2715-395 Almargem do Bispo

GPS N 38° 49' 15"; W 9° 17' 25"

Tel. Vale de Lobos - 21 962 42 84

Casa da Palavra

Largo João Vaz nº 15, 1700-151 Lisboa

Tel. 218 450 08 1

Fraternidade Missionária Verbum Dei

lisboa.verbumdei.org | contacto@verbumdei.org | Tel. Lisboa - 21 795 09 57

cadernodeoracaovd@gmail.com